



Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Policiais que atuam em investigações especializadas serão convocados para plantões em delegacias

Para suprir a falta de policiais nos plantões de delegacias circunscricionais, a direção da Polícia Civil determinou que profissionais lotados no Departamento de Polícia Especializada (DPE) sejam escalados durante todo o mês de fevereiro. Por conta do movimento da categoria de reivindicação pela paridade dos salários com os da Polícia Federal, delegados, agentes e escrivães não estão se inscrevendo para atuar no serviço voluntário, que é fundamental para manter as delegacias funcionando 24 horas nas cidades. Para o presidente do Sinpol-DF, Alex Galvão, a convocação dos policiais das delegacias especializadas vai comprometer investigações de combate a crimes de corrupção, tráfico de drogas e de desarticulação de organizações criminosas. A medida atinge, também, as unidades que investigam crimes cibernéticos, de discriminação, contra o patrimônio e outros de alta complexidade. Galvão diz que quem mais sofrerá com o remanejamento de policiais civis será a população do DF. Mas manter as delegacias fechadas nas cidades também é um prejuízo para o cidadão.

Ed Alves/CB/D.A Press

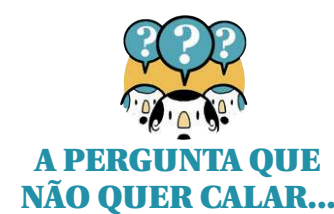


Teste nas urnas

A deputada Bia Kicis (PSL-DF) vai ser um case nesta eleição. Uma das mais votadas em 2018, a procuradora aposentada é crítica em relação à vacinação contra a covid-19. É bolsonarista raiz. O desempenho de sua nova candidatura nas urnas pode medir a aprovação ao negacionismo e a quem defende teses contrárias ao que prega a ciência.

Juizas promovidas

As juízas Marília de Ávila e Silva Sampaio e Giselle Rocha Raposo tomaram posse como juízas de Turma Recursal do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios (TJDFT) em cerimônia nesta segunda-feira. Marília foi removida ao cargo pelo critério de antiguidade e Giselle, por merecimento. Ambas estão no Judiciário desde 1996. Detalhe: Marília é filha do ex-presidente do Tribunal de Contas do DF Paulo César Ávila e Silva, que morreu em 2015.



A PERGUNTA QUE NÃO QUER CALAR...

O PDT vai abandonar a candidatura de Ciro Gomes à Presidência da República e anunciar apoio a Lula no primeiro turno?

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Se não for agora, só em 2024

Na carona do movimento dos servidores públicos federais, o deputado federal Professor Israel Batista (PV-DF) postou: "Pela LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal), se não houver aumento este ano, só será possível uma negociação para 2024. O governo deu R\$ 5,7 bilhões pro Fundão e R\$ 16,5 Bi para o orçamento secreto. Não falta dinheiro, falta planejamento e vontade política".



À QUEIMA ROUPA FÁTIMA SOUSA

Enfermeira sanitária, ex-diretora da Faculdade de Ciências da Saúde da UnB, candidata ao governo do DF nas eleições de 2018

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Em meio ao terceiro ano de pandemia, o que as pessoas ainda não aprenderam que precisam aprender para superarmos essa crise sanitária?

Escolher os gestores públicos que governem com e para a população, colocando o orçamento a serviço da ética da vida; valorizar e proteger o maior sistema de saúde do mundo, pois, sem o SUS, a mortandade seria mais grave; aprender que o Brasil deve investir na saúde, educação, ciência e tecnologia. Que a vacina diminuiu internações e salvou milhares de vidas. E, ainda, aprender que a pandemia não acabou e que devemos seguir nos cuidando coletivamente.

Como você, uma profissional da área de saúde, avalia a condução das soluções na pandemia no Brasil?

Uma sucessão de erros. Quebrou o pacto federativo que o SUS vem construindo há 34 anos, criando cizânia entre os gestores estaduais e municipais da saúde; desprestigiou as instituições de pesquisa (Butantan, Fiocruz, entre outras); criou confusão anunciando falsos tratamentos; negou a gravidade da pandemia com várias narrativas que atentaram contra a saúde pública. Também não apresentou um plano nacional de imunização, quando o país tem o Programa Nacional de Imunização (PNI), respeitado pela OMS/OPAS. Não deu exemplo se vacinando, e convocando a população a fazer o mesmo. Mais grave, não houve solidariedade com os lutos de milhares de famílias brasileiras.

Que sequelas o país terá dessa pandemia?

O país se encontra entristecido, pois nunca em nossa história recente foi registrado um número tão volumoso de violência doméstica, feminicídios, crimes homofóbicos, isto sem esquecermos das doenças mentais, suicídios, desalentos de toda natureza que nos chegam sob a perspectiva da saúde pública. Não podemos naturalizar estas sequelas, que se somam às de ordem política, econômica, sócio cultural e ideológica, onde o ódio e a desinformação têm ocupado o lugar que deve ser destinado à civildade e ao respeito aos direitos humanos.

Acredita que o PSol vai lançar candidato próprio à presidência, vai apoiar Lula ou outro candidato?

As eleições deste ano apresentam outros desafios. Precisamos reerguer a nação dos destroços em que se encontra. Junto com a crise sanitária, miséria, extrema pobreza, insegurança alimentar, desemprego, violência generalizada que saltam aos olhos. Precisamos de um governo de transição e o Brasil, agora mais que nunca, precisa da união de todos. Certamente, o PSol estará nessa mesa, construindo um plano nacional à superação dessas crises.

E no DF? Qual é o caminho do PSol?

O quadro do DF é mais grave ainda. Nós não vamos desistir dessa cidade. É preciso dizer não a esse governo e a tudo que ele representa. Há décadas essa cidade virou um "balcão de negócios", dilapidando o patrimônio público com privatizações de toda a ordem. Apresentando programas de escolas num assistencialismo vergonhoso, ao invés de cuidar, com dignidade, das pessoas. O SUS segue um caos: sofrimentos nas filas dos hospitais, esperas por tratamentos continuados, cirurgias. E nesse quadro, o PSol precisa ter candidatura própria, a exemplo de 2018, quando foi candidata ao Governo. Estamos preparadas para governar essa cidade, e, para isso, precisamos da união de todos e todas.

Você vai se candidatar?

Estou à disposição do meu partido. No momento encontra-se em construção uma Federação com a Rede. Nosso coletivo tem apelado para uma candidatura a deputada federal, mas essa decisão será tomada, em tempo oportuno, com a participação de todos e todas.

Toparia concorrer novamente ao Palácio do Buriti?

O PSol tem grandes quadros. Julgo ser importante, antes de colocar nomes, revisarmos nosso programa de governo apresentado em 2018, à luz desses tristes tempos. Convidarmos as instituições e pessoas que, assim como nós, acreditamos que o DF tem jeito. Nessa mesa devem se sentar socialistas, democratas, republicanos, humanistas, com a grandeza suprapartidária, em nome de um programa de governo capaz de superar as dores dessa cidade. Os jovens estão muito esperançosos e entusiasmados em fazer essa travessia e, como sempre, estarei ao lado deles.

Acompanhe a cobertura da política local com @anacampos_cb

EDUCAÇÃO / Em evento do **Correio**, diretoras da escola canadense Maple Bear destacam que bilinguismo favorece formação de cidadãos globais. Prática tem sido mais procurada nos últimos anos, e crianças podem repassar conhecimentos para a família

Importância do ensino bilíngue

Carlos Vieira/CB



Áurea Bartoli e Cristina Albernaz com a jornalista Carmem Souza: o aluno é protagonista

sobre o tema no próximo domingo, na *Revista do Correio*.

À frente da unidade do Sudoeste, Áurea Bartoli acredita que as fronteiras do espaço de sistematização de informações que a escola representa são expandidas pelo ensino bilíngue. "As famílias relatam que as crianças ensinam em casa o que aprendem em inglês na escola. O aluno que recebe educação bilíngue acaba proporcionando esse conhecimento também para a família", afirma a diretora.

As vantagens da metodologia incluem, também, aspectos sociais. Responsável pela unidade da Maple Bear da Asa Norte, Cristina Albernaz ressalta que o bilinguismo instiga o pensamento crítico dos alunos. "Dá uma visão de mundo mais ampla, com facilidade para resolver problemas e apresentar várias soluções, sem o bloqueio que muitas crianças podem ter", observa.

Para Cristina, a amplitude

cultural do bilinguismo não é oferecida apenas pelos conteúdos. "Os alunos vivenciam culturas de outros países, porque temos muitas crianças de outras nações, então, eles crescem em um ambiente muito rico", explica a diretora, sem deixar de citar que a língua portuguesa não é negligenciada pelo ensino bilíngue. "O aluno estará em uma escola brasileira e bilíngue, e uma característica enriquece a outra. A língua-alvo, o inglês, é aditiva à língua materna, que dá fundamento para que

o inglês se desenvolva. Uma puxa a outra, e as duas são importantes", destaca a educadora.

Formação

A trajetória profissional do estudante também é positivamente afetada quando há exposição à educação bilíngue. Áurea destaca que a globalização tem participado, cada vez mais, da formação dos indivíduos. "A barreira da língua está sendo quebrada — quando não é pelo conhecimento, é

quebrada por meio da tecnologia. Esta geração não vai concorrer (no mercado de trabalho) apenas com as pessoas do DF ou do Brasil, mas com cidadãos do mundo", reflete a educadora.

Áurea afirma, porém, que a educação bilíngue não se restringe à preparação para morar ou estudar fora. "Quando favorecemos uma segunda língua no país e enriquecemos esse multiculturalismo, abrimos as nossas fronteiras para receber outras pessoas e outros mercados,

incentivando o crescimento do Brasil. (Bilinguismo) não é, necessariamente, preparar o filho para ir embora do país, mas para ser um bom profissional também no Brasil. Sabemos da necessidade de mão de obra qualificada", completa a diretora.

Metodologia

A Maple Bear usa o método canadense de ensino. "Estamos no Brasil, em uma escola brasileira, atendendo ao currículo brasileiro e usando uma metodologia de educação bilíngue. A metodologia canadense coloca o aluno no centro do processo educacional, com muito trabalho de leitura em português e inglês", afirma Áurea. Cristina explica que a estrutura física da escola é pensada para priorizar a experiência dos estudantes.

"Começando pela formação das salas de aula. A organização dá autonomia para que os alunos coloquem a 'mão na massa', experimentando, na prática, o que estão aprendendo. O professor tem o momento do 'eu faço', seguido de 'você fazem'. Depois, os estudantes fazem sozinhos, com a possibilidade de concretizar os conteúdos por meio da língua-alvo, o inglês", conclui Cristina.

Para crianças de 1 a 3 anos, a Maple Bear oferece 100% da carga horária em inglês. Dos 4 aos 10 anos, a divisão entre o ensino em português e em inglês é 50%-50%. De 11 a 17 anos, 30% da carga horária é ofertada em língua inglesa.



» ANA ISABEL MANSUR

O ensino bilíngue oferecido em português e inglês não fica restrito à aprendizagem da criança e impulsiona os estudantes na aquisição de ferramentas sociais e profissionais. É o que defende Áurea Bartoli e Cristina Albernaz, diretoras da escola canadense Maple Bear. Em live promovida pelo **Correio**, as educadoras destacaram à repórter Carmem Souza as vantagens do ensino em duas línguas. A transmissão fez parte do especial elaborado pelo jornal para ajudar pais e responsáveis na escolha das escolas na volta às aulas de 2022. A edição especial contará, ainda, com reportagens